

ZERO

Neste número:
Caderno Especial
BEBÊ & CIA

Nº 7 - ANO XI - FLORIANÓPOLIS, 27 DE JUNHO DE 1994
CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

AS DOENÇAS DA TECNOLOGIA

Casos de Lesões por Esforços Repetitivos (L.E.R.)
aumentam com o desrespeito à legislação. Pouco
conhecidas elas podem causar até invalidez.

Na Central

Morte lenta

No último número do ZERO levantamos mais uma vez a polêmica sobre a história do nome da cidade e os "humilhados" que querem a mudança do nome Florianópolis. Mais de um mês se passou e nesse tempo "Desterro" foi premiado como melhor filme no festival de curtas do Cine Clube Banco do Brasil. A Eduardo Paredes e sua equipe as nossas congratulações.

Neste número falamos do problema das lesões por esforços repetitivos a que milhões de trabalhadores brasileiros estão submetidos diariamente. Nesses casos todos têm sua parcela de cul-

pa. As empresas, que para lucrar mais não respeitam a legislação, obrigando os empregados a desempenhar a mesma função por horas a fio, durante anos. A previdência que reluta em pagar os benefícios ou aposentar aqueles que não podem mais desempenhar seu trabalho. E até mesmo os próprios trabalhadores que por medo não denunciam as irregularidades.

E falando em irregularidades, é uma vergonha o que vem acontecendo nas empresas de comunicação de Florianópolis. Além dos baixos salários que pagam, agora contratam profissionais

sem carteira assinada e sem direitos trabalhistas. Uma prática vergonhosa para empresas que se dizem modernas mas que em nome do lucro passam por cima das leis.

Na Universidade os problemas são outros: a caixa d'água central que abastece diariamente quase 20 mil pessoas da comunidade universitária não é limpa há mais de uma década. A prefeitura universitária só ficou sabendo que a responsabilidade era sua quando a nossa reportagem apresentou o contrato feito com a CASAN, em que a UFSC se responsabilizada pela limpeza do

reservatório. Esperamos que as autoridades da Universidade tomem providências imediatamente. Aliás, seria bom que a UFSC resolvesse logo o problema dos poços artesianos. A falta de água em alguns centros, como o CCE, já não aconteceu só no verão. Também agora, no inverno, frequentemente as torneiras estão secas.

Destacamos neste número também o caderno especial *Bebé & Cia*, com quatro páginas sobre recém-nascidos, dedicadas especialmente às nossas leitoras e leitores que já são mães ou pais.

A Redação

ZERO

Jornal Laboratório do
Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de
Santa Catarina

Arte: Michelson Borges
Colaboração:

Alessandra Pereira, Ivana Back, Janaína Toscan, Juliana Pereira, Luciane Lemos, Suyanne Quevedo; Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis (Laserwrite)

Copy-Writer: Professor Carlos Locatelli

Diagramação: Pablo Claudino, Viktor Carlson;

Edição: Alessandro da Silva, Clayton Wossgrau, Giancarlo Proença, Jaime Luccas, Maurício Oliveira, Pablo Claudino, Patrícia Márcia, Sérgio Severino, Viktor Carlson;

Editoração eletrônica - no único computador do Laboratório de Infografia: Giancarlo Proença, Jaime Luccas, Sérgio Severino;

Fotografia: Alessandro da Silva, Yan Boechat, Patrícia Márcia, Sérgio Severino, Sílvia Pereira;

Foto de Capa: Lauro Maeda

Laboratório: Alessandro da Silva, Marcelo de Oliveira, Pablo Claudino, Paulo de Tarso.

Textos - dos nossos cada vez mais raros

repórteres: Alessandra Mathyas, Alessandro da Silva, Alexandre Winck, Jaime Luccas, Michelson Borges, Patrícia Márcia, Sérgio Severino, Sílvia Pereira.

Secretaria Gráfica: Pablo claudino

Coordenação: Jaime Luccas

Supervisão: Prof. Carlos Locatelli

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC - CCE), Trindade, Florianópolis/SC - CEP 88040-900

Telefones: (0482) 34-9490 e 31-9215

Telex e Fax: (0482) 34-4069

Acabamento e Impressão: Diário Catarinense

Distribuição Gratuita Circulação Dirigida

Higiene em greve



Foto: Paulo de Tarso/ZERO

Durante a greve dos servidores públicos federais a situação do banheiro feminino do Curso de Jornalismo chegou às raias da imundície, sem que ninguém tivesse a decência - ou o asseio - de dar uma geral no ambiente. As mulheres ficaram 50 dias utilizando os sanitários sem a mínima limpeza. Aos homens, coube suportar o mau cheiro que emanava do local.

Liberdade de expressão

No país do Tio Sam

Queria informar-lhes que estou recebendo o seu jornal ZERO desde dezembro do ano passado. O jornal é excelente. Todos os artigos são de muito interesse para mim e meus estudantes, e será de muito utilidade nas nossas aulas de línguas. Posto que a sua reportagem abrange diversos campos de investigação, podemos aprender muito, o que simplesmente seria quase impossível de outro jeito. Por favor, não deixem de mandar o jornal. O espírito aberto e o entusiasmo, além da segurança do importante papel que cumpre os seus alunos, são elementos muito positivos.

Kenneth A. Stackhouse
Virginia Commonwealth University

Sangue e lágrimas

Por trabalharmos no Hemosc desde 1989, conhecermos sua história, sua equipe técnica e principalmente seus propósitos, enquanto única instituição pública estadual a garantir sangue em quantidade e qualidade para todo o Estado de Santa Catarina, é que vimos demonstrar nosso pesar pela infeliz reportagem veiculada no Jornal Zero de Novembro de 1993, intitulada "Hemosc corre atrás de novos doadores".

Acreditamos que nem o corpo editorial do referido jornal e principalmente a autora da matéria, se preocuparam em fazer um trabalho construtivo e esclarecedor.

Um detalhe muito importante, foi o fato de citarem o nome de uma técnica desta Instituição como autora de várias declarações, e que são inverdades da jornalista. Gostaríamos de deixar claro que o Hemosc visa conscientizar

à população sobre a necessidade da doação de sangue, desmistificando mitos e preconceitos.

Nosso trabalho na busca de doadores é realizado também através de coletas externas, com uma Unidade Móvel que é uma das mais bem equipadas do País. Muitos Hemocentros de outros estados não possuem Unidade Móvel. É portanto um grande avanço técnico podermos contar com tal equipamento.

Fazemos aqui nosso protesto, e sugerimos ao corpo editorial que reveja mais e melhor suas matérias, evitando assim transtornos à instituições e pessoas que visam acima de tudo melhorar e primar pelo trabalho realizado, em busca do bem comum.

Marta Rinaldi Müller
Diretora do Hemosc

Resposta da repórter

"Pesar" senti eu, ao ler a sua carta. Se há "inverdades" na matéria, é bom lembrar que, como jornalista, eu não invento coisas, mas escrevo o que os entrevistados dizem. Se as pessoas "se arrependem" ou "esquecem" o que falam não posso fazer nada, a não ser me defender.

Sinceramente, não entendo como uma matéria que procura estimular a doação de sangue pode irritar tanto os funcionários do Hemosc. Deveriam estar agradecidos por terem uma verdadeira campanha veiculada num jornal como o ZERO.

Ana Paula Pinho
Repórter do ZERO

Dilema profissional

Ser ou não ser, eis a questão. Numa surpreendente confissão de incoerência profissional, o presidente do Sindicato dos Jornalistas do estado de Santa

Catarina saiu-se com um dilema shakespeariano em entrevista ao jornal ZERO, dos estudantes de comunicação da UFSC. Falando sobre as atividades de assessoria de imprensa e jornalismo empresarial, que segundo ele próprio empregam quase metade dos 800 jornalistas sindicalizados de Santa Catarina, o colega Sérgio Murilo de Andrade, largou a seguinte frase: "tenho dúvidas se o que está se fazendo é Jornalismo. O jornalismo não se realiza nesse espaço em sua plenitude". Na linha seguinte, a reportagem informa o local de trabalho do Sérgio: assessoria da vice-prefeitura de Florianópolis. "Tenho vontade de voltar à redação de jornais, mas o desgaste físico e emocional é muito grande".

Não fosse suficiente a crise de identidade pela qual o companheiro Sérgio parece estar passando, ao ponto de questionar se aquilo que ele mesmo faz pode ser considerado jornalismo existe o despropósito de um dirigente sindical combativo como ele agir com tamanha miopia diante daquele que é, hoje, um dos mais sérios e honestos segmentos da Comunicação brasileira. Ao contrário do que diz o texto do ZERO, a área de comunicação empresarial encontra-se bem longe de uma certa "indústria da maquiagem", que estaria empenhada em retocar a imagem dos padrões, transformando-os em bons samaritanos, e em aquietar a massa de trabalhadores, afastando o fantasma das greves.

Quanto à importância do ramo empresarial enquanto alternativa de mercado, restam poucas dúvidas. Os números não mentem. Para citar só dois exemplos, além do que Sérgio Murilo revelou, sabe-se que existem mais de 300 assessorias atuando em São Paulo

e que a receita das dez maiores agências de comunicação do país ficou em torno dos 8 milhões de dólares em 1993. O anão João Alves deve dar risada diante dessa quantia, mas são raros os setores de prestação de serviços que mexem com dinheiro assim, especialmente nesses tempos bicudos de recessão.

(...) Recomendo ao companheiro Sérgio Murilo, em quem diversos colegas que atuam com jornalismo empresarial votaram na última eleição sindical, a leitura de alguns dos veículos internos que vêm sendo elaborados em empresas catarinenses. Tudo o que acontece no pequeno mundo desse público está ali: fala-se em vendas, faturamento da empresa, se dá notícias ruins, divulga-se cursos, promoções, eventos, informa-se, comanda o nível de qualidade de cada área, e assim por diante. Para completar, fala-se em comunidade, mais no campo do jornalismo de serviços, ajudando o trabalhador a se guiar por esse país cheio de datas e prazos.

Se isso não é Jornalismo, então tem gente na profissão errada. Imaginar que "o Jornalismo não se realiza em sua plenitude nesses espaços", como disse Sérgio Murilo, e que por extensão, se realizaria em sua plenitude apenas na imprensa diária, deve ser entendido, no mínimo, como ingenuidade. Ou como maniqueísmo, o que é pecado grave para qualquer sindicalista.

Guilherme Diefenthaler
Jornalista e editor da Sine Qua Non Serviços de Comunicação/
Joinville

Desta água não beberás

Reservatório central da UFSC não é limpo há 12 anos e ninguém se responsabiliza

O reservatório de água que atende 19 mil pessoas no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado na Serrinha, não é limpo há pelo menos 12 anos. A prefeitura universitária é legalmente responsável pela limpeza, desde que recebeu o reservatório R-VI da Casan, em 1979.

Na segunda cláusula do Termo de Transferência, assinado pelo então reitor em exercício Roldão Consoni e pelos representantes da Casan, Maury Dal Grand e Luiz Alberto Duarte, fica claro que a Casan é responsável exclusivamente pela manutenção hidráulica e pela operação do sistema.

De acordo com Douris Peres, chefe da sessão hidráulica da Prefeitura da UFSC, a limpeza da caixa requer um trabalho especializado, com suporte técnico e mão-de-obra específicos. Segundo ele, a caixa é muito grande, tem capacidade de aproximadamente dois milhões de litros de água e a UFSC não tem estrutura para fazer a limpeza. "Ela é como um prédio", disse Alécio Gouvêa, diretor da divisão de serviços especializados. Dizem ainda que é impossível o acesso para automóveis e muito difícil para os pedestres devido ao matagal da região. O serviço de capina também é de alçada da prefeitura.

O prefeito do Campus, Jânio Shefer, disse que a limpeza não é feita porque "é quase impossível



Foto: Silvio Pereira/ZERO

JUNHO 94 - ZERO



Suja há 12 anos a caixa central abastece mais de 19 mil pessoas. A prefeitura alega que não tem condições de fazer a limpeza.

fazê-la em menos de uma semana". Segundo ele, a Universidade não pode ficar esse tempo sem água porque existem laboratórios, como os de Engenharia Mecânica, por exemplo, que não param sequer no período de férias e funcionam à base de água. Na Reitoria existe um ar condicionado totalmente refrigerado à água. "E o hospital e o Restaurante, como ficariam?" pergunta o prefeito Jânio. A contradição é que todos os anos, durante as férias, a prefeitura contrata uma empresa para fazer a limpeza dos reservatórios de todos os centros, mas nunca enfrentou a caixa principal.

De acordo com o chefe do Departamento de Engenharia Sanitária Ambiental, professor Maurício Luiz Sens, a UFSC e a Casan poderiam perfeitamente fazer a limpeza do reservatório em um final de semana. "Basta esvaziar e raspar todo o lodo", afirma o professor. Ele

diz que para uma limpeza completa seriam gastos cerca de quatro milhões de litros de água.

O engenheiro Roberto Bis, responsável pela divisão de engenharia da Casan da Regional de Florianópolis, também disse que a caixa pode ser limpa em um final de semana, mas que não era preciso gastar toda essa água. "É só fechar a entrada do reservatório e deixar toda a água ser consumida", informou o engenheiro Bis. Com a caixa quase seca, apenas quatro ou cinco servidores limpariam com baldes e escovas. Depois é só enchê-lo. O trabalho é todo manual, não precisa nenhum equipamento sofisticado. Bis disse ainda que a UFSC não procurou a Casan para fazer a limpeza. "Quando a Universidade pedir, a Casan não vai se negar a ajudar".

Por causa da sujeira do tanque, desde o ano passado começaram os entupimentos na Universidade. Num deles, o Restaurante Uni-

versitário não pôde abrir porque a água estava muito suja e foi preciso fazer uma limpeza no reservatório do RU. "Era uma sexta-feira e a limpeza foi feita no final de semana", disse Maurício Alves, diretor do RU.



Quando assumiu, há dois anos, o Prefeito não foi informado que o reservatório pertencia à UFSC

Conta de água chega a US\$ 42 mil por mês

A UFSC paga, atualmente, um dólar por metro cúbico de água, cerca de 42 mil dólares por mês. Pensando nesses gastos, a Reitoria propôs a construção de poços artesianos no Campus.

A quantidade de água captada pelos poços que já existem na Universidade é muito pequena, de aproximadamente 3,5 m³/hora. Foi construído, então, no ano passado, um poço no Centro de Desportos com a capacidade de 5m³/hora, que ainda não está em funcionamento. É preciso antes fazer um tratamento para remover a grande quantidade de ferro que existe na água. O consumo de energia elétrica e de produtos químicos aumentaria, isso sem contar a mão-de-obra. De qualquer forma, sairia mais em conta do que os gastos atuais.

O poço do CDS junto com o da Eletrosul, que por enquanto está desativado e que produz 38 m³/hora, supririam a necessidade da UFSC em 70%. Os projetos de tratamento, execução e distribuição ainda estão sendo feitos e por isso a instalação dos poços artesianos somente será possível no início do ano que vem.

Mas até 1995 a Universidade precisa controlar os gastos com água. Por isso os estudantes de engenharia sanitária Adriana Ramos, Mário Pegoraro, Nilceane Junkes e Vitor Warmling elaboraram um projeto de controle de perdas e desperdícios. Desde maio de 1993, foram economizados 100 mil dólares somente com o controle das perdas causadas por problemas que, na maioria das vezes, não são percebidos,

como rachaduras, vazamentos etc.

Quanto aos desperdícios é preciso uma campanha de conscientização. Por exemplo: o HU gasta, sozinho, um terço ou um quarto de toda a água consumida no Campus, cerca de 10 mil metros cúbicos por mês. Os estudantes da engenharia sanitária concluíram que os gastos não poderiam passar dos cinco mil. O novo prédio da Química também merece prêmio por seus gastos. Ele consome em média 1.500 m³.

O coordenador do projeto, professor Maurício Luiz Sens, disse que, se com o controle das perdas já se economizou 10 mil dólares por mês, com o controle dos desperdícios este número vai diminuir ainda mais.

O prefeito Shefer afirmou que o problema do reservatório R-VI "é um desleixo não só da prefeitura, mas das administrações anteriores". Ele disse que a prefeitura tem muitos problemas pendentes e que não consegue tomar conta de todos devido, principalmente, à situação econômica. Quando assumiu o posto, há dois anos, nada lhe teria sido passado a respeito do reservatório que abastece a UFSC. Ele não sabia sequer que se tratava de uma doação e que qualquer problema bastava pedir à Casan que o solucionasse. "A Universidade nunca assumiu a caixa porque estava lá, abandonada", falou Jânio. Depois de receber uma cópia do termo de Transferência do Chefe de Gabinete do Reitor, o prefeito do Campus disse que vai fazer o pedido o mais rápido possível para a Casan limpar o reservatório.

**Textos:
Alessandra Mathyas**

Bóias-frias da comunicação

Empresas burlam a lei contratando jornalistas sem assinar a carteira profissional

Para gastar menos com mão-de-obra o Diário Catarinense, do grupo RBS, vêm adotando uma política de contratar jornalistas sem assinar a carteira de trabalho, não reconhecendo com isso nenhum direito trabalhista a esses funcionários. Esta prática não é nova no Brasil e nem foi inaugurada pelo DC. Em vários pontos do país as empresas de comunicação, sempre ávidas de maiores lucros, tem usado o trabalho de profissionais como free-lancer em vez de contratá-los com carteira assinada, numa clara tentativa de fraudar as leis trabalhistas.

Esses "autônomos" recebem os salários como os outros funcionários da redação, mas sem gozarem dos mesmos direitos dos profissionais contratados. Segundo Sérgio Murilo, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, o problema é que o "free-lancer" deveria ser usado para um serviço eventual. "Hoje existe uma prática indiscriminada desse tipo de contratação". Alguns casos são ilustrativos dessa prática das modernas empresas de comunicação.

O fotógrafo Sérgio Moreira

trabalhou como "autônomo" no DC em dezembro de 1993 e janeiro de 1994. Ele foi chamado para cobrir as férias de outros profissionais mas depois a empresa queria mantê-lo sem nenhum contrato ou vínculo empregatício. "Dedici sair para não ser explorado", argumenta Sérgio, agora trabalhando no Rio de Janeiro. Silvia Pavesi, agora no jornal O Estado, trabalhou três meses no DC sem contratação. "O horário de trabalho começava às 15,30h e terminava perto das 24h, sem direito à horas extras". Além disso quando tinha alguma matéria especial para fazer durante a manhã Silvia tinha que cumprir o horário de trabalho normal durante a tarde. Ela garante que nunca assinou nenhum recibo de pagamento. "O salário era pago lá mesmo, nem depósito na conta bancária havia". Eles disseram também que os jornalistas que trabalham nesse sistema devem usar um crachá diferente dos outros com as inscrições *em serviço*.

Se a instabilidade e a insegurança no trabalho já é grande para os empregados contratados regularmente, é muito maior no caso dos "autônomos". A jornalista Sandra Verle, por exemplo, estava trabalhando há quatro meses sem contratação. "Um dia comecei a trabalhar às 8h da manhã, fiz quatro reportagens e às 19 horas fui informada pelo chefe que estava dispensada". O medo acompanha a insegurança pelos corredores do Diário Catarinense. Ninguém quer falar

sobre sua situação pessoal ou de colegas para não perder o emprego de um dia para outro. "A marcação aqui é cerrada", informa uma funcionária que já trabalhou alguns meses sem contratação. Segundo ela a empresa "faz uma experiência para ver se o empregado se enquadra no perfil deles. Só depois é contratado". Outro funcionário que trabalhou mais de dois anos como autônomo antes de ser contratado afirma que durante aquele tempo nunca recebeu férias, 13º salário ou qualquer outro direito trabalhista.

Para tentar normalizar essa situação o sindicato dos jornalistas já entrou com um pedido de fiscalização na Delegacia Regional do Trabalho. "É uma fraude descarada da lei", segundo a advogada do sindicato Susan Mara Villi, que tem defendido causas trabalhistas de ex-funcionários do Diário Catarinense que trabalharam ilegalmente. Segundo ela, essa forma de burlar as leis trabalhistas iniciou em 1988/89 mas quem mais tem procurado o sindicato nos últimos anos são pessoas que trabalharam na administração onde essa prática era mais comum. De acordo com Susan os jornalistas às vezes trabalham só alguns meses nessa situação irregular. "Quando trocam de emprego ou têm suas carteiras assinadas acham que não vale a pena entrar com ações na justiça. Mas os juizes têm dado ganhos de causa a todos os que entraram com ações cobrando os direitos não recebidos".

O chefe da Divisão de Fiscalização da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), Francisco Murilo Vessling, disse que o problema é que os próprios empregados têm medo de denunciar as empresas ou quem está em situação irregular. "Essas contratações são ilegais e imorais". Para ele o trabalho autônomo não existe quando está ligado à própria atividade da empresa. "O autônomo é somente quando faz algum trabalho eventual e não ligado ao trabalho normal da empresa". O fiscal da DRT afirma também que a lei não prevê casos de contrato de experiência sem carteira assinada, porque a relação de trabalho se configura até mesmo com um dia de trabalho, se o funcionário usar os bens e equipamentos da empresa e executar o serviço nas suas dependências.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas lamenta que as empresas, e principalmente a RBS usem de artifícios como esses apenas para encurtar a folha de pagamento. "É uma prática nefasta que só serve para piorar a qualidade do produto final". Segundo Murilo o DC tinha uma boa equipe de redação, com jornalistas bem preparados, mas "com os sucessivos cortes está diminuindo sempre mais o tamanho da redação e vários dos bons profissionais tendem a deixar Santa Catarina".

A reportagem do ZERO pediu à direção do Diário Catarinense uma posição diante dessas denúncias. Até o fechamento desta edição a empresa ainda não tinha se manifestado sobre o assunto.

JUNHO 94 - ZERO

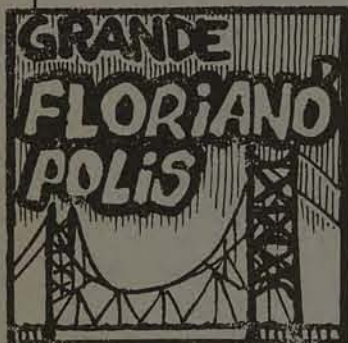


Foto: Paulo Henrique/ZERO



"Jornalista ganha mal, vai acabar comendo jornal" é o slogan da campanha salarial

Empresas e Sindicato não chegam a acordo sobre piso salarial

Os jornalistas de Santa Catarina e os empresários de comunicação ainda não chegaram a um acordo sobre o novo piso salarial da categoria. Até agora os patrões ofereceram 260 URVs mas o Sindicato está tentando chegar a 320 URVs.

As negociações começaram no princípio de maio quando o Sindicato pediu um piso salarial de 520 URVs, equivalente a cerca de 8 salários mínimos, que corresponde ao piso da Federação Nacional dos Jornalistas, FENAJ. Através do Sindicato das Empresas de Jornais e Revistas de Santa Catarina, as empresas ofereceram apenas a conversão pela média dos últimos quatro meses antes do início do plano real, ou seja, praticamente um aumento de 0,8 URVs acima do que já estavam pagando aos profissionais da área. Para recuperar a inflação acumulada o Sindicato queria o INPC pleno, sem conversão pela média, e 20% de produtividade.

Depois de duas rodadas de negociação o Sindicato baixou sua proposta para 320 URVs mas os empresários ofereciam somente 260 URVs em maio e o INPC de maio de 1993 a abril 1994. Para garantir a data-base de aumento o sindicato entrou com pedido de dissídio na Delegacia Regional do Trabalho

Outro problema são as empresas de rádios e televisões que não aceitam cumprir os acordos e respeitar a legislação da categoria. De acordo com as empresas em rádio e TV não trabalham jornalistas, só radialistas. "Como o piso dos radialistas é menor, este argumento serve para as empresas pagarem salários mais baixos", afirma Murilo. Para não cumprir o acordo as empresas de rádio e televisão entraram com uma liminar na justiça. "Isso tem acontecido todos os anos. Mas sempre o juiz tem dado ganho de causa ao sindicato".

Porém as determinações da justiça nem sempre são cumpridas. Várias empresas da cidade tem contratado jornalistas profissionais ou estudantes de jornalismo e assinado suas carteiras como radialistas ou produtores-executivos, mesmo se na prática cotidiana esses profissionais desempenham a função de jornalista.

Na pauta das negociações com as empresas o Sindicato também incluiu algumas reivindicações sociais: pelo menos duas folgas dominicais por mês e uma melhor remuneração das horas-extras, além da liberação sindical para os delegados da categoria.

Textos: Jaime Luccas



Sorte e perigos desafiam caroneiros

Placa com o nome da cidade nas mãos, polegar acenando, e a esperança de que o próximo carro seja aquele que o levará para casa, para outro fim-de-semana com a família. Todas às sextas e sábados, dezenas de jovens estudantes do interior, soldados e PMs formam fila na BR 101, logo na saída de Florianópolis, para tentar uma carona, porque ônibus ultimamente é artigo de luxo. Os destinos mais comuns são Imbituba, Tubarão, Criciúma e Araranguá, e os caroneiros, na sua maioria, alunos da Escola Técnica Federal e da UFSC.

“Se você chegar cedinho é mais fácil conseguir carona. Depois das 10 horas começa a ficar complicado, enche de gente”, explica Marcelo Gomes, lagunense e ex-aluno da ETF, com experiência de mais de três anos de estrada.

Difícil mesmo é quando chove, pois o único abrigo próximo é o viaduto que cruza a BR. Ai, o jeito é desistir ou se apertar sob a marquise e disputar o espacinho de acostamento seco, torcer para ser visto por um motorista generoso que se arrisque a parar no local. Se parar, pelo menos dez pessoas vão “chorar” um lugarzinho no carro.

Os sofredores são os que moram em Criciúma e Araranguá. Não só pela distância. “O pessoal que mora mais perto se escala prá cima da carona da gente. Às vezes é tanto cara pedindo que o motorista acaba não levando ninguém”, reclama Ademar Estevam, de Araranguá, cidade distante 250 km da capital.

As táticas empregadas pelos caroneiros são cuirosas. A mais comum é usar a placa ou faixa com o nome da cidade para onde se vai. Quando não se dispõe deste meio, usa o velho e eficiente polegar. Estudantes sempre deixam a pasta próxima, em lugar bem visível, para garantir

aos motoristas que se trata de pessoa de bem. O que se procura é conseguir, numa fração de segundo, a atenção e a empatia dos motoristas. Fabiano Kterten Tirlone, estudante da quarta fase de economia da UFSC, pegava caronas no ano passado usando uma camiseta do time do Criciúma, que havia vencido o campeonato estadual. Isto fazia com que simpatizantes do time parassem na hora. “Em compensação, ouvi muitos insultos de torcedores de outros times”, relata Tirlone.

Jeison Wilberstaedt, de 16 anos, aluno da Escola Adventista de Florianópolis, foi certa vez para Içara, no sul do estado, participar de um acampamento estadual de Desbravadores (espécie de clube de escoteiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia). Conseguiu carona facilmente, graças ao uniforme de desbravador. “Me disseram que PMs, bombeiros e soldado conseguem carona rapidinho. Resolvi então tentar com meu uniforme. Alguns confundem com os policiais e os que conhecem o clube param com certeza”, garante Jeison.

Mesmo com estes truques, pegar carona rapidamente é um desafio. “Algumas vezes você consegue em cinco minutos; noutras, fica até três ou quatro horas de pé no sol”, afirma Lauro Coelho Jr., estudante de engenharia. “Quando canso, se estou com grana, desisto e vou de ônibus; quando tô pelado, não tenho escolha”, completa.

Mas nem sempre a vida de caroneiro é ruim. Pelo menos para um amigo da matogrossense Clarice Gonçalves, de 21 anos. Conta ela que, enquanto seu amigo esperava carona de Florianópolis para Porto Alegre, um Escort com duas garotas parou. “Ele não acreditou e chegou a se beliscar para ver se não estava sonhando”, conta Clarice. Difícilmente uma mulher pára para dar

carona, quanto mais duas. O fato é que pouco depois, ele já estava à caminho de casa. A uns 50 km de Porto Alegre, as garotas, estudantes de Direito e Odontologia na UFRJ, perguntaram se o rapaz tinha pressa de chegar. Ele disse que não e elas entraram em Lageado e só chegaram em Porto no dia seguinte. Quando Clarice conversou novamente com ele é que soube da história: as garotas o haviam levado a um motel, depois de uma noite de festa com tudo pago por elas. No dia seguinte, ninguém conseguiu entender o porquê daquele sorriso bobo na cara dele.

Quando o quadro se inverte, ou seja, mulheres pedindo carona, é bem mais fácil. Roberta Carvalho, 21 anos e estudante da sétima fase do curso de Jornalismo, já pegou alguns caronas para a Oktoberfest e para Garopaba. Segundo ela, apesar de ser fácil, é desaconselhável uma mulher tentar sozinha. “Quando alguém pára, eu olho para a cara dele. Se tiver cara de sacana, eu não vou”. Roberta dá outro conselho para as caroneiras: “É bom puxar bastante assunto para o cara não fazer nenhuma proposta maliciosa”.

O que leva tanta gente a usar cada vez mais essa opção são os altos preços das passagens de ônibus. Uma viagem para Araranguá, por exemplo, custa hoje CR\$ 19.420,00; para Imbituba, a apenas uma hora de Florianópolis, o preço é CR\$ 8.250,00. Por este valor é quase impossível ir e voltar aos fins-de-semana. “Mesmo com as dificuldades, vale mais ir de carona. Ainda tem muito motorista legal por aí”, garante Deoclávio Bobsin Júnior, de Porto Alegre.

A maioria dos motoristas que pára, segundo os estudantes, é porque também serviu-se da carona ou quer apenas companhia para quebrar a monotonia da viagem. Este último motivo geralmente são os caminhoneiros que apresentam, devido a suas longas via-

gens. Muitos não dão carona de jeito nenhum e a desculpa é a mesma: “A empresa não permite caroneiros”. As cruces no acostamento lembram os casos de morte em assaltos. Valdomiro, carioca de 28 anos e motorista há dez, conhece muitas histórias de emboscadas, nas longas subidas da Rio-Bahia, por exemplo. Nas ladeiras mais íngremes, os assaltantes correm na frente do caminhão e abrem o capô, deixando o motorista sem visibilidade. O caminho pára. É o fim da viagem.

Há ainda os ladrões de carga, que se aproveitam da marcha lenta para subir na carroceria e tirar o que puderem. Por isso é comum ver o motorista com a cabeça do lado de fora, quando dirige numa subida. “Aqui no sul isso quase não acontece, por isso dá pra arriscar levar um caroneiro de vez em quando”, diz Valdomiro. Já Monteiro, de Guarulhos (SP), não pára para ninguém. “Uma vez, quando subia a Serra do Rio do Rastro, rumo a Lages, um cara subiu na carroceria e começou a jogar sacos de café para um outro no chão. Não pensei duas vezes, atirei no cara e só ouvi o grito, nada mais”.

O perigo constante nas estradas faz com que todos os motoristas, mesmo os que costumam dar caronas, sejam cautelosos. “Primeiro eu olho para a pessoa, se eu sentir confiança, páro. Mais de dois fica difícil e, se for mulher, nem pensar”, afirma Ronaldo Santos, de Curitiba (PR). Certa vez, ao parar para uma garota, Ronaldo foi obrigado a levar mais três rapazes que estavam escondidos atrás de uma placa.

O negociante de carros Fernando Silva, de São Leopoldo (RS), sempre dá caronas quando vem a Florianópolis. “Eu dependia de caronas e sei que não é fácil. Já ouvi falar de alguns casos de assalto. Por isso, do Paraná pra cima, eu não paro”.

Muita paciência é o requisito para a maioria dos estudantes da UFSC.

JUNHO 94 - ZERO



A cidade que todos esqueceram



A água entrou pelos fundos, levou tudo e só deixou a fachada



ENCHENTE 93

Após a enchente que devastou Alfredo Wagner, os recursos só garoaram

Na noite de 1º de julho, 39 famílias em Alfredo Wagner dormiram pela última vez em suas casas. A chuva começou forte às 22h e se prolongou durante todo o dia seguinte, causando a maior enchente que a cidade já assistiu. Em apenas catorze horas o volume d'água equivalia a um mês de chuva. O rio Itajaí do Sul, que corta a cidade, subiu dez metros e saiu do leito, invadindo ruas e casas. No Barracão e no Estreito, os bairros mais atingidos, as casas construídas na beira do rio foram carregadas. A enchente chegou a 80% dos domicílios da cidade, e nem a prefeitura escapou. No gabinete do prefeito Sérgio Silvestri, a parede ainda marca o nível em que a água bateu: 60 centímetros.

Algumas casas ainda permanecem à beira do rio, ameaçando descer com a próxima chuva. Na residência do comerciante Lindolfo Seemann, de 56 anos, a água daquela noite provocou uma erosão que "engoliu" 12 metros de seu terreno. O rio levou metade do chão em que a casa estava construída, deixando a parte de trás da residência suspensa apenas pelos alicerces. Com a erosão, a porta dos fundos agora abre para o nada. Há cinco anos, Seemann construiu um muro para deter o avanço da água. A proteção, com 38 metros de extensão e cinco de altura foi pouco para segurar o rio, que a rachou ao meio. O Itajaí do Sul avan-

Seemann e a porta para o nada: a enchente engoliu parte do terreno

çou carregando árvores e um mini-galpão. Quando percebeu que seu quintal estava condenado, Seemann fechou o mercado ao lado da casa e assistiu a tragédia do outro lado da rua, na casa de um vizinho. Antes, porém, tomou o cuidado de salvar a antena parabólica.

Perto da vizinha Rosimeri Guelich, os danos do comerciante Seemann foram pequenos. Rosi de 21 anos, e o marido Osmair, de 31 trabalhavam em uma pequena malharia no fundo de casa há cinco anos. Na noite anterior, o casal ficara até as seis horas da manhã para conseguir entregar um pedido dentro do prazo. Com a enchente, a casa pendeu no barranco. Rosi escutou o barulho do quintal sendo carregado pela água, e mal teve tempo de sair da casa. Era pouco mais que meio-dia. A encomenda, que seria entregue às 18h, desapareceu. A casa não chegou a cair. O marido Osmair salvou telhas e tábuas, além de alguns aparelhos eletrodomésticos. Quando o rio baixou ele ainda conseguiu recuperar uma máquina de costura recém-comprada, em meio à lama do Itajaí do Sul. Hoje, eles continuam trabalhando no bairro Estreito, onde alugaram parte da casa de um vizinho. Osmair calcula o prejuízo com a enchente em CR\$ 1 milhão (em valores da época), mas reconhece não possuir a noção exata do que foi perdido. "Tem muita coisa que a gente nem sabe que perdeu, e só descobre

quando procura para usar", conta.

O Itajaí do Sul também engoliu a casa da faxineira Alma Bruch, que só pôde salvar a roupa do corpo e a filha Priscilla, de 4 anos. Alma, 45 anos, morava ao lado do casal Rosi e Osmair. As outras enchentes já haviam lhe tirado parte do banheiro que ficava nos fundos do terreno. Seu marido, o lavrador Arnaldo Bruch, há alguns meses vinha pensando em trazer a casa mais para perto da calçada, com medo do rio. Enquanto a casa era arrastada pela correnteza,



Nem o muro de cinco metros de altura foi suficiente para deter o avanço das águas

Alma assistia imóvel ao frágrilo da residência, apenas ouvindo a filha Priscilla gritar para que salvassem as bonecas. Depois da inundação, Alma Bruch está morando numa casa alugada. Recebeu, da prefeitura, cinco cestas básicas com alimentos e produtos de limpeza, além da promessa de uma casa no loteamento para os desabrigados. Mas não está confiando: "vamos ver se vai sair o que eles prometeram. Acho difícil. Eu nem posso ir às reuniões dos candidatos a casas porque preciso trabalhar até nos domingos".

Alma permaneceu imóvel, vendo o rio levar a casa



Nas ruas do centro de Alfredo Wagner o nível do rio Itajaí do Sul passou de um metro. A comerciante Marizaura da Silva, de 26 anos, teve seu estabelecimento destruído pela força da enchente. Ela trabalhava com a família em uma loja fotográfica e em um ponto de apostas de jogo do bicho. Além da construção, com duas salas comerciais, foram perdidos cinco máquinas fotográficas, três flashes, refletores e todo o arquivo de negativos. O balcão da lotérica foi salvo porque um homem conseguiu lançá-lo da margem. "De repente ficamos sem nada. Meu pai trabalhava lá há 25 anos. A prefeitura prometeu ajudar, mas vai atender primeiro os moradores, depois o comércio", lamenta Marizaura, que alugou uma sala na outra margem do rio para continuar trabalhando. Da antiga loja, sobrou apenas a fachada pintada com o logotipo do "Foto Estrela" e do "13 da Sorte" e duas portas intactas, que abrem diretamente para o rio. Marizaura brinca: "parece cenário de filme banguê-banguê". Seu drama, porém, é vida real.

Texto
José da Silva Jr.
Reportagem
Alexandra Baldisserotto,
Gabriela Veras e
Josemar Sehnem
Fotos
Victor Carlson



O Rio Itajaí do Sul subiu 10 metros e deixou um rastro de destruição

Muita promessa, pouca ajuda

Alfredo Wagner foi o município catarinense mais castigado pelas enchentes em 1993. A chuva que caiu nos dias 1º e 2 de julho arrastou casas, derrubou pontes, bloqueou estradas, deixou 3.100 desabrigados e um morto. O prefeito Sérgio Silvestri (PFL) decretou estado de calamidade pública por 180 dias e chamou o governador Wilson Kleinübing para testemunhar a tragédia. Diante da população alfredense e aparentemente comovido pela destruição na cidade, Kleinübing prometeu: — Prefeito, gaste o que for preciso para reconstruir sua cidade e me manda a conta.

A prefeitura de Alfredo Wagner elaborou um relatório calculando os prejuízos provocados pela enchente e enviou ao governo do estado. Segundo o documento, a cidade precisaria de CR\$ 15 milhões para ser reconstruída. Com esse dinheiro, o prefeito esperava resolver o problema das famílias flageladas e impedir a repetição do fenômeno. Apesar da promessa, o governador lhe mandou apenas CR\$ 6 milhões em duas parcelas sem correção monetária. A primeira chegou a Alfredo Wagner dois meses depois da enchente, em 10 de agosto. A outra parte, somente em 17 de setembro.

O dinheiro que Alfredo Wagner recebeu do governo do Estado já tinha destino certo. Foi investido no reassenta-

mento das famílias e em obras iniciais de contenção do rio. Até fevereiro de 1994, Silvestri espera entregar 50 lotes de 350m². Para as famílias que tiveram as casas arrancadas pela força do rio ou que permanecem vulneráveis a uma próxima enchente. O terreno ainda está em fase de terraplenagem. A construção das casas ficará por conta dos próprios moradores, trabalhando em mutirão.

Segundo o prefeito, a solução definitiva para as enchentes em Alfredo Wagner seria a construção de pequenas barragens ao longo do leito do Itajaí do Sul. Mas a realização da obra esbarra na dificuldade financeira. "A prefeitura gastou mais do que podia. A enchente vai atrasar a cidade por, no mínimo, dois anos", reclama Silvestri.

O futuro, ao contrário do governador Kleinübing, não faz promessas a Alfredo Wagner. Localizada a 100km de Florianópolis e com uma

população estimada em 12 mil habitantes, a cada dia que passa a cidade está menor. Nos últimos anos, os alfredenses estão trocando o cultivo da cebola, a principal atividade econômica, pelo sonho da cidade grande. Com a enchente de julho, a maior em 32 anos de emancipação política, surge mais um motivo para acelerar o êxodo rural.

O prefeito Sérgio Silvestri também remeteu uma cópia do relatório ao Governo Federal, mas não acredita em respostas. Apesar do silêncio, em Brasília já se sabe da enchente no Planalto Catarinense. O deputado Dejanir Dalpasqualli (PMDB) conseguiu CR\$ 5 milhões para Itaporanga, município vizinho a Alfredo Wagner e que não chegou a ser inundado. Silvestri sabe que sua cidade não é Blumenau: "somos pequenos demais para merecer a atenção do governador e, para nosso azar, não estamos no partido do governo federal", lamenta.



A enchente atingiu 80% dos domicílios deixando 3100 desabrigados

Loucos são os outros

Projeto prevê substituição dos manicômios por atendimento nos próprios hospitais

ZERO - JUNHO 94

Eletrochoques, drogas e literatura

"Jamais sonharia aonde os caminhos da minha adolescência me levariam. (...) Em meados de outubro de 1974, chegando em casa, fui convidado por meu a acompanhá-lo, em visita a um amigo seu, hospitalizado. Estranhei aquele convite, pois não tínhamos o hábito de sairmos juntos, mas fui (...) Bem, Austrý, o que na realidade está acontecendo é o seguinte... Seu pai encontrou maconha numa jaqueta sua. Ele acha que você é viciado e trouxe-o aqui para fazer tratamento. Não acredito. Meu velho pensa que sou viciado? Ele nem conversou comigo e já me trouxe prá cá?!... (...)

Encostei num canto do muro branco, observando aquele cenário de filme de terror. (...) O que mais me chamava a atenção era aquele grupo, no canto encoberto... (...) Aquele canto era qualquer coisa diabólica. Aquilo era satânico: pessoas urinadas, defecadas, revirando os olhos, cabeças, querendo entrar dentro do concreto. Todo aquele tormento só podia ser comparado ao inferno. Se ele realmente existe, sem dúvidas eu estava vendo um pedacinho dele, ali naquele canto - o canto dos malditos..." Carrano passou três anos internado. Em 1990 a editora da UFPR lançou a primeira edição do livro, logo boicotado devido a um pedido de cassação da obra movida pela família de um médico psiquiatra citado sem pseudônimos. Hoje ele está com a segunda edição praticamente esgotada.

Silvio Pereira

"Ela é mais louca que eu. Eu só queria ir ao banheiro. Fiquei horas ali, amarrada e sedada. Fiz as necessidades na cama mesmo e ninguém veio me limpar!". A mulher, Suzana, fala claro e de forma incisiva, numa sala do Centro de Atenção psicossocial (CAPS), sobre a enfermeira da Colônia Santana que, sob a alegação de que a estava incomodando, mandou amarrá-la no seu leito e sedá-la.

Suzana é um nome. Sua situação é uma entre as inúmeras dificuldades dos pacientes psiquiátricos brasileiros. Em Santa Catarina, a discussão sobre como e onde tratar esses pacientes, incluindo a continuidade dos manicômios foi debatida no dia 15 deste mês, na Assem-



Carranza esteve na Assembléia

bléia Legislativa.

Um dos participantes do debate foi o ator e escritor Austregésilo Carrano, ex-paciente psiquiátrico e representando do Fórum Paulistano Permanente de Saúde Mental e do Movimento Nacional por uma Sociedade sem Manicômios. Ele é autor do livro "Canto dos Malditos", onde relata sua passagem no hospital psiquiátrico Bom Retiro, no Paraná. Lá ele foi dopado pelos médicos, tomou eletrochoques. O pai de Carrano mandou interná-lo porque encontrou um cigarro de maconha entre as coisas dele.

O Movimento por uma Sociedade sem Manicômios está organizado no Brasil desde 1987 e possui uma vaga na Comissão de Reforma Psiquiátrica do Conselho Nacional de Saúde. O objetivo é a substituição do atual modelo de tratamento, onde o paciente fica internado em hospitais especializados. Os membros do movimento acreditam que o tratamento em manicômios tende a isolar o paciente por completo do meio social e a concentrar poderes nas mãos dos psiquiatras.

A proposta é substituí-los por formas alternativas de tratamento, como a instalação de leitos e unidades psiquiátricas em hospitais gerais e a criação de centros de convivência.

No Estado, tramita há um ano o projeto de lei do deputado Furlanetto (PT). O projeto prevê a extinção progressiva, em 5 anos, dos hospitais psiquiátricos, que poderão ser aproveitados em outras especialidades. Os hospitais gerais poderão ter até trinta leitos destinados aos pacientes com problemas

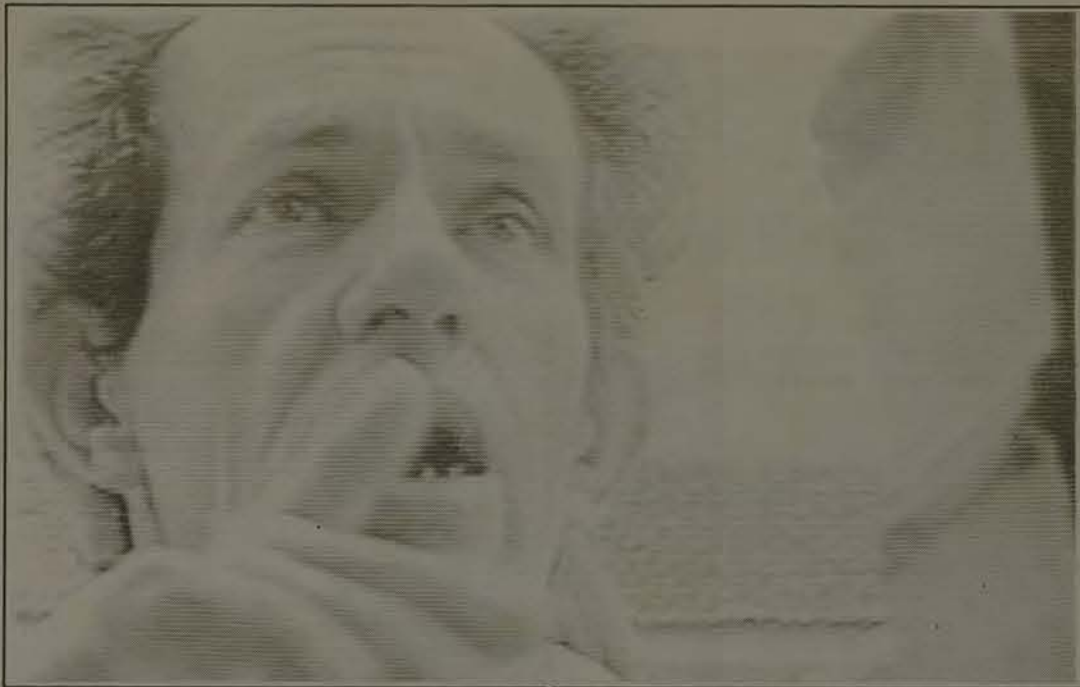


Foto: Roger Grecco/ZERO

Movimento quer fim das internações em centros especializados

psíquicos. Ele segue o modelo dos projetos aprovados no Rio Grande do Sul, São Paulo e Ceará. Busca-se não só a descentralização como também a humanização do atendimento.

"A gente se sente trancada, isolada", diz Suzana. Ela conta que, após as primeiras internações, as mais longas, encontrava dificuldade em se adaptar à vida em sociedade. Quando você é considerado louco, tudo que diz é usado contra você", diz Gladir L. Backes, psicóloga

do Centro de Psicologia e Ciências do Homem.

Ela afirma que o atual modelo, centrado no recurso extremo da internação e do uso de medicamentos, vem de uma visão que individualiza o problema de convívio social que colaboram para as doenças mentais. Os pacientes passam às vezes dias inteiros dopados, vagando pelos corredores dos hospitais. "As pessoas olham e pensam

que é sintoma de doença", diz Gladir.

Algumas das alternativas apresentadas pelo Movimento são o hospital-dia ou hospital-noite, onde o paciente passa o dia no hospital e volta pra casa à noite ou vice-versa, e os lares abrigados, feitos para os doentes abandonados pela família.

Em Florianópolis, um exemplo desse atendimento alternativo é o CAPS, criado em 1989, que atende uma média de 800 pacientes por mês, incluindo os retornos. Ele conta com uma equipe de 16 profissionais, entre psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais. Os pacientes ficam no máximo 3 a 4 horas por dia.

"Hoje trabalho, vivo normalmente e não fico dopada", diz Suzana, que atualmente se trata no CAPS. O isolamento dos familiares que usam o hospício para se livrar do "incômodo" de ter um doente em casa é particularmente grave nos casos de alcoolismo e dependência de drogas. "Tem doente que sai da Colônia e volta a beber pra ser internada de novo", diz Lilian Pagliuca, coordenadora do CAPS. Por irônica coincidência, há um bar em frente à Colônia Santana.

Os familiares, muitas vezes desinformados e preconceituosos,

tem ampla autoridade sobre os parentes. A legislação brasileira sobre o assunto data de 1934 e permite que qualquer parente, de segundo, terceiro ou até quarto grau, peça a internação de um familiar. Segundo a professora Carmem Moré, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, isso estimula a corrupção entre parentes dos doentes e psiquiatras. Os parentes pagariam para internar familiares por questões que passam longe da saúde mental, como as heranças.

Um auto-benefício que os psiquiatras conseguem com as internações é o pró-labore. Trata-se de uma percentagem paga pelo Ministério da Saúde por internação, superior ao salário. O oitavo artigo do projeto do deputado Furlanetto exige a apresentação de laudo médico e o consentimento informado do paciente para permitir a internação.

Uma das causas do projeto estar tramitando há um ano, segundo Furlanetto, é a oposição dos donos de hospitais. "Temos que tratar os proprietários dos hospitais, eles estão ficando doidos porque vão perder dinheiro".

Alexandre Wink

Descentralização gera divergências

Fora disputas de interesse, há as questões puramente teórico-ideológicas. Psiquiatras como João Ernani Leal afirmam que diversos problemas psiquiátricos tem origem orgânica e, mesmo, genética, independente do ambiente social. Existem pesquisas no sentido de encontrar um suposto gene causador da esquizofrenia.

Ele também considera arriscado colocar num mesmo hospital pacientes com problemas psíquicos e orgânicos, por causa das reações violentas durante os surtos psicóticos. Gladir contesta a idéia e diz que isso só serve para aumentar a discriminação.

Um acompanhamento apropriado, segundo ela, pode prever e controlar os surtos psicóticos. Um dos pontos essenciais da luta antimanicomial parte da idéia de que os problemas partem do meio social e nele devem ser resolvidos. Através da descentralização do atendimento e da manutenção,

tanto quanto possível, do convívio entre o doente e a família, os amigos e as pessoas em geral.

Em relação aos medicamentos, o psicólogo Luiz Gonzaga, membro do Conselho Regional de Psicologia, admite que o seu uso é necessário, desde que usado com muito critério. "Esta é uma atribuição da psiquiatria", disse.

Quanto à descentralização, o Ministério da Saúde está formulando o Programa de Apoio à Desospitalização (PAD), que quer criar uma estrutura municipal de atendimento para evitar que doentes crônicos voltem continuamente aos hospitais psiquiátricos.

Se há um ponto em que psicólogos e psiquiatras concordam é que essa reforma deve ser feita de maneira cuidadosa e gradual. A Secretaria da Saúde está repassando verbas para os municípios criarem leitos psiquiátricos em hospitais gerais. Elisa Puel, assistente social da Coordenadoria de

Saúde Mental da Secretaria, informou que já existem no Estado 250 leitos psiquiátricos.

Ernani Leal, defende a manutenção dos hospitais psiquiátricos em conjunto com atendimentos alternativos, crítica a descentralização estimulada pelo Ministério da Saúde. Segundo ele, a maioria dos hospitais que implantaram leitos psiquiátricos têm apenas um médico para atendê-los. A ineficácia do sistema faz com que 90% dos pacientes da Colônia vindos do interior do estado já tenham passado pelos hospitais-gerais.

Outro problema apontado por Ernani é a falta de espaços para absorver a demanda dos hospitais extintos. Ele afirma que isso fez com que hoje um terço dos indigentes norte-americanos sejam esquizofrênicos e que já está surgindo um contingente de pacientes gaúchos na Colônia.

Porta-voz dos deserdados

O maranhense José Louzeiro, iniciou no jornalismo aos 16 anos, em São Luiz, onde nasceu. Depois de exercer várias atividades dentro dos jornais tornou-se repórter de polícia e mais tarde de política. Em janeiro de 1954 fugiu para o Rio de Janeiro por ter se metido em uma reportagem que envolvia o cacique político do Maranhão, senador Vitalino Freire. No Rio trabalhou em vários jornais, como Correio da Manhã, Diário Carioca e Última Hora. Mesmo tendo feito de tudo no jornalismo, sua grande paixão sempre foi a reportagem. "Nunca deixei de ser repórter".

Em 1958, Louzeiro publicou seu primeiro livro, uma coletânea de contos intitulada Depois da Luta. De lá para cá escreveu mais 25 livros, fez várias adaptações para o teatro além de diversos roteiros de filmes e novelas. Alguns de seus livros-reportagens renderam filmes que ficaram famosos como Lúcio Flávio, o passageiro da agonia e Infância dos Mortos (adaptado para o cinema como Pixote, a lei do mais fraco).

Nos últimos anos Louzeiro tem se dedicado a escrever livros infanto-juvenis (A Gang do Beijo e Ritinha Temporal) e novelas para a televisão (Corpo Santo, Olho-por-olho, Guerra sem fim). A novela O Marajá, sobre Collor e seu bando, acabou censurada pela justiça do Rio de Janeiro lembrando os tempos da ditadura militar, mesmo que a Constituição afirme que não existe censura. "Foi uma censura prévia, porque quem administra a justiça nesse país são os safados e ladrões", lamenta Louzeiro.

Autodefinindo-se como um jornalista e escritor "maldito" esse maranhense de 62 anos se orgulha de nunca ter se metido em falcatruas ou negociatas com o poder: "Não tenho o rabo preso com ninguém".

No início do mês Louzeiro esteve em Florianópolis. Ele veio dar um curso sobre roteiro no cinema e participou de um debate sobre Jornalismo e Literatura, onde deu esse depoimento à reportagem do ZERO.

OS PERSONAGENS

Eu sempre preferi contar as histórias dos homens e mulheres com quem ninguém se incomoda, dos desvalidos do morro que fazem a

festa. São personagens à margem da sociedade, porque me considero um indignado com a realidade brasileira. Pixote ou Lúcio Flávio podem ser personagens "tortos", ou bandidos, segundo o nosso ponto de vista, mas não segundo a visão deles. Vivemos num país que todos os presos são pobres, na maioria negros. Conheço quase todas as prisões do país e não sei de um rico que esteja preso. No Rio prenderam um juiz e um advogado da máfia da Previdência. Agora eles estão doentes e vão para a Suíça e Estados Unidos fazer tratamento. Os presos pobres não ficam doentes... por isso não saem da cadeia. Essa é a justiça brasileira. Pobre que rouba é ladrão. Rico nunca é ladrão, apenas comete crime de colarinho branco. Ou alguém já viu a imprensa chamar de ladrão a juizes, advogados ou políticos que roubam milhões de brasileiros. Aliás já pensei em escrever um ensaio com dois códigos penais. Um para os ricos, outro para os pobres. No dos pobres estaria tudo previsto: cinco anos de prisão por ter nascido, mais dez anos por não ter morrido nos primeiros meses de vida, e assim por diante. Assim o cara já tinha logo 15 anos de pena para cumprir.

A REPORTAGEM

Os jornais tradicionais vão acabar desaparecendo se não recomencem a publicar reportagens. É preciso que se conte as histórias que acontecem por aí. A gente compra os jornais de domingo, que são quilos de papel e tem que jogar no lixo. Tudo o que está ali já se sabe pela televisão. Não tem nenhuma história humana. E quando publicam alguma historinha não tem emoção, parece escrita por um doente ou pelo computador. Mas são as histórias e os dramas humanos que interessam às pessoas. É por isso que as novelas têm mais audiência que qualquer telejornal. Porque contam histórias. Entre os jornalistas americanos têm uma expressão que eu gosto muito. Eles dizem: "qual a boa história que temos hoje para o jornal". É preciso que o jornalismo brasileiro descubra a importância dessas boas histórias.

O REPÓRTER

O repórter tem que desenvolver a arte de perguntar. E escrever bem, de maneira objetiva e envolvente, buscando o lado humano das coisas, porque é isso que prende o leitor. O repórter deve ler muito, visitar as comunidades, os morros e favelas, conhecer a vida das pessoas. Ele

E está na hora de fazer a crítica da imprensa. A imprensa brasileira é muito boa em pedir CPI contra os outros. Mas quando se fará uma CPI da imprensa?

O FUTURO DO PAÍS

Eu acredito no futuro desse país, porque acredito nas pessoas. Ou

JUNHO 94 - ZERO

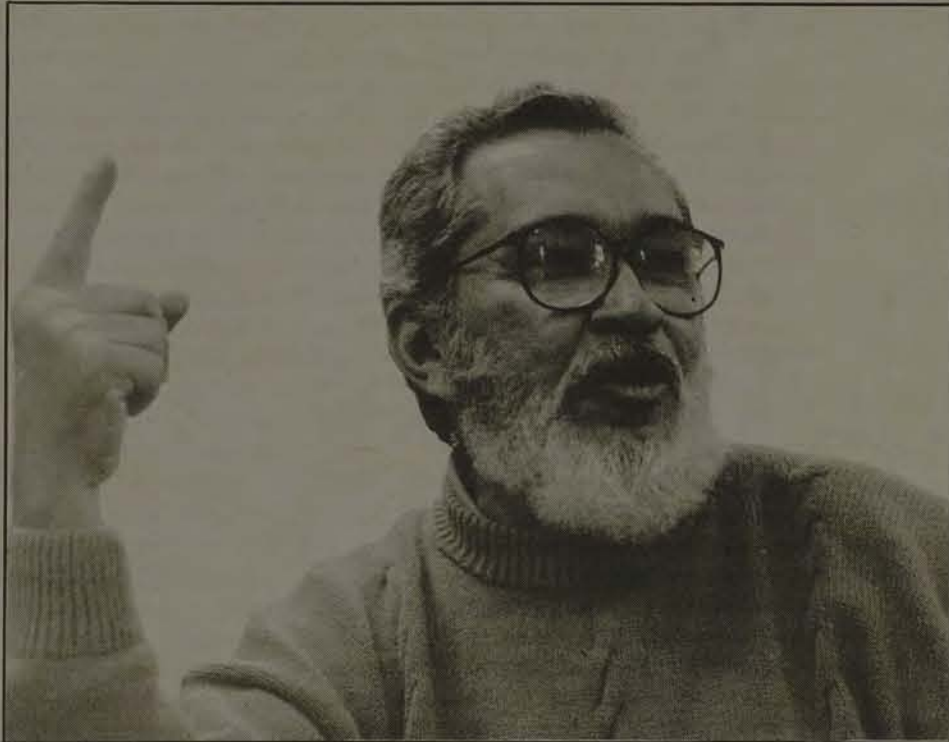


Foto: James Tavares/AGECOM

"No Brasil só os pobres e miseráveis são presos"

deve ir até onde estão os conflitos, porque o jornalista é uma espécie de sociólogo que deve conhecer como as pessoas vivem e aprender a contar as histórias. É preciso valorizar o repórter. No Brasil ele é um imbecil que tem o menor salário da redação, enquanto em outros países, como os EUA, os repórteres são valorizados e têm os melhores salários. Aqui, quando alguém é bom os donos de jornais insistem para que deixe de ser repórter e vire chefe. É que eles não tem a menor visão de como se faz jornal. Aí querem fazer jornal com articulista de economia e com a moça do variedades. Mas isso acontece porque é o Banco do Brasil, o Presidente ou Governadores que pagam as contas do jornal. Mas isso já está acabando. Daqui para frente ou o jornal vende ou fecha as portas.

acreditamos nas pessoas ou damos um tiro na cabeça. É essa preocupação com o outro que nos salva. Infelizmente a imprensa tem deixado isso de lado e os jovens jornalistas devem ajudar a resgatar esses valores. Se o jornalista estiver preocupado e preparado para enxergar os conflitos que as pessoas vivem poderá tirar daí suas reportagens. Porque estamos enveredando por um caminho que vai matar esse país. O Brasil pode acabar virando um Haiti. O Haiti acabou. E nós temos tudo para ser um grande Haiti, cheio de palmeiras e praias bonitas. Com esse individualismo que o neoliberalismo está pregando vamos acabar inteiramente imbecilizados.

Jalme Luccas

Breve história à Louzeiro

Henrique Silva, 25 anos, chegou ao hospital Colônia Santa por volta de uma da tarde. Vinha de Joinville e, na falta de uma camisa-de-força, estava amarrado à maca. Sofria de delirium-tremens, uma das mais graves consequências do alcoolismo. Ainda amarrado, ficou no chão do corredor do hospital enquanto a irmã, Marilza, dava a ficha ao psiquiatra, doutor João Ernani Leal.

Henrique bebia no mínimo um litro de álcool por dia há cinco anos. Estava desempregado há três, vivia de biscates. Separado da mulher. Uns dias antes, foi internado, precisou ficar sem beber. Aí começou a crise.

O psiquiatra resolveu conversar com o paciente, fazendo-o contar sua história. Mandou desamarrá-lo. Além de Henrique, do doutor e da irmã, mais três pessoas ficaram na sala. Temia-se por uma possível reação agressiva, provocada em parte pelo distúrbio, em

parte por seu próprio temperamento.

Mesmo debilitado, Henrique aparentava ter força suficiente para causar um belo rebu. Era como um gigante depois de um tombo. Magro, as pernas finas em comparação ao resto do corpo. Voz grave, mas embargada, falava pra dentro. Era difícil entender o que dizia.

Mas não faz diferença. Quase nada do que disse fez sentido. "Eu tenho que falar com o cara, ele disse que ia viajar hoje". A irmã fingiu que estava levando a sério. "Pra onde?", perguntou. "Los Angeles" foi a resposta. Começou a falar de um assassinato. Jurava conhecer o autor do crime. "Quem foi?", perguntou alguém. Henrique simplesmente mudou de assunto.

Estava preocupado com outra coisa. Precisava urgentemente ir pra casa buscar um dinheiro, deu sua palavra de que voltaria em seguida. Não adi-

antou o médico dizer-lhe que não estava mais em Joinville, onde mora. Ele parecia não acreditar, ou não se importar.

Expressou-se coerentemente quando o doutor lhe perguntava sobre seu estado: disse estar vendo coisas, como uma torneira fechada abrindo-se sozinha, mas negou ver cobrinhas, como afirmava a irmã.

Em seu comportamento, nada tão estranho. Tinha apenas mãos trêmulas. Quando a porta da sala fechou-se, com certa força, ele virou-se como se tivesse ouvido um tiro. Esta hipervigilante, um dos sintomas do distúrbio.

O médico, por sua vez, parecia quase estar tendo uma conversa das mais banais. Na Unidade de Desintoxicação da Colônia sempre há pelo menos dez casos com um quadro clínico semelhante ao de Henrique. Delirium-tremens ocorre em alcoólatras que bebem pelo menos um litro ao dia, por um tempo de 3 a 5 anos. "O sujeito bebe aos pouquinhos",

dizia ele mais tarde. "Um copinho ao levantar, outro no serviço, outro no almoço...".

Depois de todos esses copinhos, um dia o doente fica sem beber. Ocorre uma síndrome de abstinência. Nos primeiros dois dias, em média, sofre de tontura, suadouro, irritabilidade, insônia. Vomita compulsivamente. A partir do terceiro dia, o caos. Surgem as convulsões, a pessoa começa a ter alucinações visuais, freqüentemente a visão de pequenos bichos, como as cobrinhas que Henrique nega ter visto. A confusão mental gera o discurso incoerente, sem nexos. O sofredor chega a passar três, quatro ou cinco dias sem dormir.

Henrique continua na Colônia. E vivo, o que não deixa de ser uma sorte. Estima-se que de 9 a 25% dos casos desse tipo sejam fatais.

Alexandre Winck

Au revoir, Floripa

Carnavalescos da
Ilha vão à França
ensinar o samba

ZERO - JUNHO 94

Quem diria! Florianópolis nem teve e está exportando. O carnaval que a passarela Nego Querido não viu este ano será prestigiado no próximo dia 2 de julho na cidade francesa de Saint-Etienne. Um grupo de 12 carnavalescos catarinenses, oito homens e quatro mulheres, foram convidados a produzir na França um desfile completo: samba-enredo, carros alegóricos, adereços, dança e oficinas carnavalescas. Tudo com a finalidade de pôr na rua um bloco de dois mil franceses.

Costureira, estilista de moda, fiscal do meio-ambiente, enfermeiro, arquiteto e até um mecânico que também é laçador de cavalos. São as profissões "oficiais" de alguns deles que, de coração mesmo, são carnavalescos, encarregados de mostrar na Europa todo seu talento. Em troca da produção do Samba-Folies, como é chamada a festa, a prefeitura de Saint-Etienne financiou a viagem, estadia e cachê de US\$ 250 para cada um. Estão previstas também excursões para Paris, Nice e estações de esqui.

anos, lutou muito para criar seus cinco filhos que, curiosamente, não gostam de carnaval. Acho que eles têm ciúme de quando vou trabalhar na Escola.

Mas tanto esforço não foi em vão. Há cerca de um mês o *Le Progress*, um importante jornal que circula na região de Lyon dedicou quase meia página elogiando a "costureira de dedos de fada". A matéria informava sobre a chegada das fantasias confeccionadas por ela, incluindo fotos de cada uma. Iraci é encarregada de coordenar a confecção das fantasias na França. De lá, pretende trazer cultura e algumas palavras em Francês.

Mesmo levando uma vida agitada, Claudeci Roberto Luiz, de 22 anos, talvez nunca tenha imaginado que uma de suas paixões iria algum dia levá-lo a outro país. Além de carnavalesco há 15 anos, Ci também é mecânico de Kart e laçador de cavalos. Trabalhou na Protegidos da Princesa e hoje está na Consulado como ritmista e aderecista. Na França, irá ajudar Luiz Daniel a confeccionar os adereços.

Aliás, este é outro que tem



Foto: Paulo de Tarso/ZERO

Carioca e Camargo : samba em francês

sido questão de sorte, "Estamos no meio carnavalesco, executamos um trabalho sério e de muitos anos. Prêmio mesmo foi ter todo este esforço reconhecido".

Exceto pelo cargo administrativo na TELESC, Paulinho Carioca vive cercado de diversão e arte. É promotor de eventos, compositor e intérprete com

de cinco dias antes do embarque. Além de ajudar Paulinho Carioca a puxar o samba na avenida, Francisco irá ministrar uma oficina onde ensinará aos franceses como tocar cavaquinho. Paratanto, decorou algumas frases mais importantes em francês.

Uma das poucas pessoas do grupo que fala francês fluentemente, é Maria de Lourdes Ternes. Ela morou durante quatro anos na França, período em que fez um curso de mestrado em Estilismo e Moda. Lou foi uma das pontes de contato entre o grupo brasileiro e o grupo francês que elaborou o projeto da festa. Junto com José Alfredo Beirão, que além de carnavalesco é também arquiteto e ator, a estilista criou os protótipos das fantasias que estão sendo reproduzidas na França. Sempre envolvida com a moda, Maria de Lourdes dá cursos na área em Florianópolis e elaborou um projeto para um curso de graduação em Estilismo e Modana UDESC. Ela é formada em Letras pela UFSC onde trabalha atualmente.

Além de oficinas de música, os franceses poderão participar de oficinas onde aprenderão a sambar. O coreógrafo Nicolau Júnior juntamente com duas passistas terão a incumbência de colocar nos pés dos franceses uma coisa que eles não têm: o samba. A modelo Waléria Carriço já tem seu método de ensino definido e não só vai ensinar a dança como também irá fazer um trabalho de integração com a melodia e com o espírito do carnaval.

Patrícia Márcia



Foto: Patrícia Márcia/ZERO

Beirão, além de carnavalesco, é arquiteto e ator

"Não estou acreditando, parece que não é verdade. Depois de 34 anos fazendo fantasias de carnaval, uma viagem dessas é mesmo um presente", disse dona Iraci Goulart, 59 anos, costureira da Escola Dinâmica há 10 anos. Ela confecciona os uniformes dos alunos durante todo ano mas quando chega a época do carnaval, se afasta da Escola Dinâmica para trabalhar em sua Escola de Samba. Dona Iraci é presidente da Consulado há oito anos, além de ser responsável pela confecção das fantasias da Escola chegando a trabalhar 20 horas por dia. Divorciada há 25

uma vida movimentada: fora da época do carnaval, Daniel faz decorações de clubes, festas e adereços para festas de igreja. Florianopolitano de 37 anos, é também fiscal do meio-ambiente na Lagoa do Peri e passa boa parte do tempo dentro de um caiaque, vistoriando a caça e a pesca irregulares. Ainda criança, entrou na Protegidos da Princesa, que conheceu através de seu técnico de futebol, quando jogava na Escolinha do Avaí. Assim como Varlos Henrique da Silva, o responsável pelos carros alegóricos, Luiz Daniel não acredita que o convite francês tenha

carteirinha na Sociedade Brasileira de Intérpretes e Produtores Fonográficos. Faz jingles comerciais e políticos e tem cinco sambas sendo gravados na Áustria. Paulinho vai puxar o samba em francês.

O músico Francisco Camargo embarcou no enredo na última hora. Ele toca cavaquinho há 7 anos e é o único do grupo que lê partitura, tendo sido convidado para substituir um percussionista que não pôde viajar. Embora já tenha acompanhado Silvio Caldas, Francisco não pode negar que sua estrela brilhou: a viagem só pôde ser confirmada a menos

Evangelho ao som de rock

Igreja atrai jovens promovendo shows de rock

Quem passa em frente à Igreja Evangélica Renascer em Cristo nas noites de segunda-feira, fica sem entender o que acontece. Desde que a Igreja optou por seduzir os jovens com a música Gospel, centenas de rapazes e garotas se divertem pulando ao som de pesadas guitarras. O rock aqui é coisa de Deus. Com letras de louvor e muita organização, as bandas da fé se multiplicam atraindo milhares de jovens em todo o país.

“A intenção é seduzir mesmo. Vamos trazer os jovens para o caminho de Deus com todas as armas”, afirma Bitá Pereira, 33 anos, que ganhou fama nacional alguns anos atrás como o primeiro surfista de Cristo do Brasil e hoje comanda a Renascer em Florianópolis como pastor. O alvo de Bitá são os jovens cansados de outras religiões ou perdidos na droga e na violência. “É muito bom trazer este jovem para Jesus, oferecendo-lhe algo sadio e que ele gosta”, completa o pastor.

Os jovens acham a idéia “o maior barato”. Seus pais também apoiam a tática da Renascer para resgatar filhos sem rumo. “Se for para manter o meu filho no caminho certo, é válido”, avalia Renato Benedeti, 40 anos, pai do vocalista da banda Metalife. Ao se converter aos 13 anos, Renato Benedeti Filho, estava descontente com a vida e só se encontrou em Jesus e na música pesada. Hoje aos 16, Renato vive o Evangelismo e procura mostrar Jesus através de seus atos para os amigos, mas sem forçar ninguém a acreditar.

No último dia 23 de maio, Dona Elaine Zanelato, 39 anos, estava em um dos cantos da Igreja como sempre faz ao levar a filha de 14 anos para os shows Gospel. “Trago minha filha sempre que posso, pois sei que ela está em um ambiente muito bom”, declarou Dona Elaine contente ao ver a filha divertindo-se. No outro lado da Igreja, escondido entre as pessoas, vendo o filho pular em frente ao palco, um outro pai conta emocionado como a música na Igreja ajudou seu filho de 19 anos a sair do mundo das drogas. “Hoje ele não fuma mais maconha, não chega bêbado em casa, está trabalhando e até preparando-se para o vestibular de Medicina”.

A alegria desses pais vem junto com a euforia que a palavra Gospel está causando nos últimos nove anos no Brasil. Milhares de jovens, pelo menos quatrocentos só em Florianópolis, passaram a frequentar a Renascer em Cristo, e o número de bandas cresce a cada dia. Aqui na ilha, são sete desde que a Igreja começou suas atividades em 1992. Para os músicos o Gospel não é apenas euforia. Eles acreditam que a música é, como Deus, eterna. Sua única diferença entre a música “normal” são as letras, que tentam evangelizar com mensagens cristãs. De fato, Gospel vem do inglês God Spell, que pode ser traduzido como falar de Deus. Para o baixista

e tecladista da banda Deliver, Marcos Rafael Campos, 15 anos, “o evangelismo não é alienação, através das músicas convidamos as pessoas, que só aceitam se quiserem”.

E para os que aceitam Deus e permanecem na Renascer em Cristo a chance de ter a sua banda fazendo sucesso é bem grande. A Igreja dá o apoio necessário para os grupos ensaiarem com equipamentos de ótima qualidade, fazerem shows regulares e talvez até gravarem discos. Quando alcançam um bom nível, os grupos são encaminhados à Gospel Records, uma gravadora especializada em bandas Evangélicas, que pertence à Fundação Renascer. Das bandas já lançadas pela gravadora, muitas conseguem uma vendagem considerável. Algumas bandas já chegaram à faixa das 120 mil cópias vendidas, número superior a muita banda estrangeira famosa. É o caso do grupo Atos II, que alcançou esta marca em 1992, ano em que o *Faith no more* estava em evidência no Brasil, e não tinha vendido nem 8 mil cópias. Mesmo com os seus clips rolando direto na MTV e após os shows durante o Rock in Rio II e na turnê brasileira de 92.

Em São Paulo a música Gospel é tão definida que, a exemplo do show business, tem um calendário com shows regulares. Os evangélicos contam ainda, com a programação diária de uma rádio FM que alcança quase a mesma audiência das outras rádios de rock. A Renascer investe também na televisão para divulgar a música Gospel; a Rede Manchete do Rio de Janeiro

transmite um programa mensal e outro aos sábados, só com mensagens e clips de bandas Gospel dos mais variados estilos musicais.

Os grupos ainda têm uma chance de tocar nos grandes eventos que a Renascer promove. Como o “SOS VIDA”, que reuniu no ano passado um público maior que o de Madonna e Michael Jackson no Brasil. O estádio do Pacaembu ficou pequeno para os evangélicos que assistiram as estrelas da festa, Katsbarnéa e o Bride. O primeiro, um dos grupos mais famosos do Gospel brasileiro, que já se apresentou em Florianópolis. O outro, um dos principais grupos de hard rock americano. O ingresso para o festival foi um quilo de alimento não perecível. Ao final foram totalizados quase duzentos mil quilos de alimentos que foram distribuídos para as comunidades carentes. Eventos tão bem organizados assim só são possíveis por causa da estrutura empresarial da igreja Renascer.

Já aqui na ilha, a situação da música Gospel é diferente. O único apoio vem do pastor Bitá Pereira, que cede o local para ensaios e shows com a aparelhagem importada que a igreja possui. Os 5 mil watts de potência ensurdecem os fiéis que assistem aos shows. O público ainda é pequeno, entre 500 e 1000 pessoas assistem as bandas. Este número só sobe quando é alguma banda de São Paulo que se apresenta, mas mesmo assim é a comunidade evangélica e alguns curiosos que comparecem. No que depender do pastor Bitá, este quadro vai mudar bem rápido. “Já estamos estudando a possibilidade de um festival em um dos estádios de futebol da cidade”, conta empolgado. Enquanto o festival não aconte-

ce, a Renascer está organizando uma “marcha por Jesus”, no dia 25 de junho. A intenção dos organizadores é reunir pelo menos 2000 pessoas para percorrerem as principais ruas de Florianópolis. Várias igrejas evangélicas da cidade estarão reunidas para mostrarem a força e o crescimento do evangelismo.

Fé é o que não falta à essa gente. Os fiéis frequentam os cultos, participam das atividades filantrópicas e vão aos shows. Como no último dia 16 de maio, quando aproximadamente 400 pessoas assistiram a alquimia do som pesado e das letras de louvor, produzida pelas bandas Deliver e Metalife. Após o primeiro show, a fé tomou conta das pessoas que presenciaram um testemunho de um rapaz de 16 anos que contou como foi a sua conversão.

Vindo de uma comunidade pobre da ilha, o rapaz logo envolveu-se com o crime, as drogas e até a magia negra. Através de um amigo conheceu a Renascer em Cristo. Foi a um dos cultos e encontrou-se em Jesus. Em seguida o pastor tomou seu lugar no palco e fez um discurso baseado nas palavras do rapaz. Convidados a rezar os presentes extravasaram toda sua emoção, alguns choraram fortemente parecendo estar em transe.

Mas alguns jovens que vão a igreja não querem nem ouvir falar de religião, fé e Jesus. Quem confirma é Alexandre Mendes, 15 anos, que vai aos shows apenas para ver as bandas e as meninas. Ele nem acredita em Deus apesar de concordar e respeitar as mensagens. Bitá Pereira acha que essa rapazeada mente. Para ele Deus toca o coração de todos, de uma maneira ou de outra.

Apesar de mostrar-se bem moderna ao procurar os jovens, a Renascer é na realidade bem conservadora. Da frase “sexo, drogas e rock and roll”, apenas o último é usado para atrair os fiéis. O pastor prega a libertação dos vícios carnis. “Aqui nós incentivamos a galera a estudar, se formar, aprender outros idiomas, ser o melhor na sua função, trabalhar e ser útil a sociedade. Nosso conselho é para que eles namorem, casem, deixando o sexo para depois do casamento, como um complemento da vida a dois”, diz o pastor.

Se é careta naquilo que os jovens gostam, pelo menos quanto as roupas a igreja é bastante liberal. A orientação aos fiéis é para serem os mais normais possíveis. “Não queremos que nossos jovens usem roupas que façam o povo dizer que eles são religiosos cafonas. Nada que possa assustar as pessoas. Não queremos assustá-las, e sim atraí-las para a igreja”, afirma o pastor.

Para ele a sua comunidade não deve fugir do mundo. Suas pregações são sempre contextualizando os jovens para os problemas do mundo e suas transformações. Segundo o pastor Bitá Pereira, usar a música para o evangelismo não é alienação, “já uma seita muito louca, onde as pessoas cortam o cabelo e deixam só um rabinho, usam umas roupas alaranjadas, é meio ruim”.



Cristo e rock mudaram a vida de Renato

Alessandro da Silva

JUNHO 94 - ZERO

Alpinismo indoor

Texto e Foto: Sérgio Severino



O alpinismo começou oficialmente em 1789, quando o médico francês e o montanhês Jacques Balmat subiram o Mont Blanc, a montanha mais alta da Europa, com 4807 metros de altitude. Nessa época outros alpinistas já haviam subido os alpes, em geral eram cientistas, poetas e artistas. Os poetas Dante e Petrarca e o pintor Leonardo da Vinci foram responsáveis por alguns dos relatos que atraíram mais pessoas para o cume das montanhas. Com o início do esporte surgiram os clubes e associações. Na Inglaterra os esportistas começaram uma nova moda, subir os alpes procurando passar pelos lugares mais difíceis. Para eles quanto mais difícil melhor.

Durante muito tempo a resistência e o desafio a natureza das grandes montanhas de gelo foram o ponto alto do esporte. Hoje existem novas modalidades e pensamentos sobre o alpinismo, mas os românticos ainda existem e se lembram de grandes feitos como os de Reinhold Messner que escalou todas as 14 montanhas do mundo com mais de 8 mil metros de altura, sem máscara de oxigênio e sozinho. Os desafios agora também passam pelas rochas, onde a técnica e a força vão ao limite para que o homem supere a si mesmo.

Mas os desafios acabaram. Restaram poucas vias inéditas. As grandes montanhas e os paredões de rocha já foram ultrapassados. O jeito foi inventar novas paredes, e aí surgiram as competições indoor, onde a técnica e a agilidade estão juntas. A

facilidade de montar desafios inéditos com material artificial (resina em geral), e o abrigo seguro dos ginásios atraíram muitos alpinistas para treinar.

No Brasil, o alpinismo engrenou mesmo nos últimos dez anos. A troca de experiências com esportistas do exterior (França e Estados Unidos principalmente) ajudou no desenvolvimento de técnicas próprias para as pedras brasileira. Os estados com mais praticantes e condições naturais para o alpinismo são: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Apesar de não termos altas montanhas, as formações rochosas do Brasil exigem muita técnica e habilidade. O grau de dificuldade no alpinismo brasileiro já chegou a 11a, um nível considerado elevado para as condições geográficas do país.

Em Santa Catarina, o alpinismo começou a ganhar força em 1991 com o primeiro curso realizado em Florianópolis. A partir daí grupos de escaladores começaram a se reunir e descobriram novas vias (caminhos para subir na rocha). Hoje Blumenau, Balneário Camboriú e Florianópolis já têm suas associações de alpinismo. O esporte no estado, apesar de ter começado a pouco tempo, tem se destacado nos campeonatos nacionais. Stanley da Costa, um dos alunos do primeiro curso de alpinismo em Florianópolis, ficou em quarto lugar no primeiro campeonato de alpinismo indoor do Paraná no ano passado e foi o responsável pela parte técnica do primeiro Floripa Open de Alpi-

nismo Indoor realizado nos dias 4 e 5 de junho na Beiramar Shopping. Em busca de novas aventuras e para levantar o nome do esporte no estado, um grupo de sete amigos pretende subir, em janeiro de 95, a montanha mais alta das américas: o Aconcágua (6959 metros). Com uma média de idade de 22 anos eles estão fazendo uma preparação física especial para poderem agüentar o frio e o ar rarefeito da montanha. Adriano Pereira, 18 anos, é o mais novo e afirma que a união do grupo é o principal ponto para que consigam o dinheiro para viagem e enfrentar os desafios do Aconcágua.

Desafio e reconhecimento também foram os objetivos dos 62 participantes do 1 Floripa Open de Alpinismo Indoor. Os 54 homens e oito mulheres vindos do RJ, SP, PR, RS e SC, concorreram a US\$ 1400 em bicicletas, mochilas e botas para montanhismo. O nível de dificuldade das vias foi de 5a até 8b (em uma escala de 1 a 11a), e exigiu força e muita agilidade dos melhores alpinistas do Brasil. No masculino o primeiro foi Guilherme Zavachi, Porto Alegre e no feminino Mônica Prangel (foto) do Rio de Janeiro, considerada pelas próprias adversárias como a melhor do país. A pontuação da competição era dada de acordo com a altura e o tempo que o alpinista levava para completar a via. Adriano Giacomet, sétimo lugar, e Juliana Petters, terceiro lugar, foram os catarinenses melhor colocados e mostraram que SC pode chegar junto dos melhores do país.

ZERO